

***Mestiço, pobre, nevropata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira***<sup>1</sup>

Marcia de Almeida Gonçalves<sup>2</sup> - UERJ/PUC-Rio

*Sua biografia há de ser sobretudo uma interpretação. Interpretação de Machado de Assis devia ser o título deste livro*<sup>3</sup>. Com estas palavras, Lúcia Miguel Pereira sintetizou, entre outros argumentos, a perspectiva por ela construída para realizar seu estudo crítico e biográfico sobre Machado de Assis.

Obra originalmente lançada em 1936, o *Machado de Assis* de Lúcia Miguel Pereira integrou, nos quadros da época, o conjunto, em expansão, de análises sobre o renomado autor, ícone reverenciado entre os cânones da literatura nacional. Dialogando com críticos e comentaristas da obra de Machado – Sílvio Romero, José Veríssimo, Alfredo Pujol e Mário de Alencar, entre outros -, Lúcia Miguel Pereira ousava acrescentar idéias ao debate em curso, sob a forma de texto biográfico concebido como *uma interpretação*.

Interessa-nos, nos limites desse pequeno ensaio, traçar algumas considerações sobre especificidades do *Machado de Assis* de Lúcia Miguel Pereira, partindo, exatamente, da chave anunciada pela autora, qual seja, a da interpretação. Em nossas indagações, todavia, buscaremos realizá-la na qualidade de análise histórica, centrada na intenção de compreender o lugar e os sentidos do *Machado de Assis* de Lúcia Miguel Pereira no campo de uma história da escrita de biografias, nas suas interfaces com a historiografia e a história da literatura, problematizadas como discursos fundadores do imaginário da nação<sup>4</sup>.

Nossa hipótese nos leva a crer que Lúcia Miguel Pereira, mais do que narrar a trajetória de vida de seu biografado, realizou uma particular análise sobre as relações entre as escolhas, motivações e condicionamentos do sujeito autoral e a criação literária e artística, investigando e, enfatizemos, interpretando, as conexões entre vida e obra. Desejou, nesse sentido, perseguir velhas inquietudes dos que realizavam avaliações sobre autores e livros nacionais, dessa feita apostando em novos usos, formas e potencialidades do gênero biográfico.

A colaboradora do *Boletim de Ariel* (1931-1938), já reconhecida, entre contemporâneos de um mundo da crítica literária predominantemente masculino, pela escrita firme e observações perspicazes em seus artigos sobre livros e autores, foi, contudo, recebida com senões no lançamento de seu primeiro romance – *Em surdina*, 1933. No seu *Machado de Assis*, publicado em 1936, Lúcia Miguel Pereira quis ir mais longe no exercício de sua verve de escritora, explorando experimentações, que outros inauguraram, no campo da escrita biográfica<sup>5</sup>. Parecia querer encorpar idéias algo recorrentes nas páginas de *Ariel*<sup>6</sup>.

Tais experimentações interferiram na configuração de um intenso debate, para o qual Lúcia Miguel Pereira diretamente colaborou, caro às décadas de 1930 e 1940, entre intelectuais brasileiros, sobre a renovação do gênero biográfico. Em finais da década de 1920, Alceu Amoroso Lima, em artigo sobre textos biográficos e autobiográficos recém lançados, diagnosticava a existência de uma *verdadeira epidemia biográfica*<sup>7</sup>.

A ponderação de Amoroso Lima apontava, por um lado, para o crescimento quantitativo da publicação de biografias e de outros textos afins – autobiografias, memórias - , todos, em alguma medida, situados no campo largo de narrativas e/ou ensaios direcionados para trajetórias individuais de vida. Por outro lado, a percepção do crescimento quantitativo de tantas *escritas de si* era organicamente associada a mudanças qualitativas. Como destacou Alceu Amoroso Lima, a onda epidêmica de publicações biográficas, autobiográficas e memorialísticas era o sinal da emergência do novo, leia-se, o moderno, nesses gêneros de produção textual.

Alceu Amoroso Lima e outros contemporâneos, Gastão Cruls, Luís Vianna Filho, Álvaro Lins, cada um a sua maneira, refletiram sobre o que passou a ser denominado de biografia moderna e/ou romanceada, explicitando, em muitas de suas considerações, novas formas e funções de textos configuradores de sujeitos individuais.

Cabe mencionar, apenas de forma pontual, nos limites desse trabalho, a sintonia desses intelectuais brasileiros com um debate que igualmente havia se manifestado em sociedades européias, com destaque para a Inglaterra e a França, ao fim da 1ª Grande Guerra (1914-1918). Lá, houve não só uma valorização da escrita de biografias, mas,

igualmente, uma intensa reformulação de seus padrões estéticos, onde, entre outros aspectos, buscava-se redimensionar seu poder sensibilizador e pedagógico, valendo-se de uma maior aproximação com as técnicas de escrita do romance. Ao deslocar as tradicionais pertinências da biografia do campo da escrita da história, tais ponderações acenderam polêmicas, que numa apropriação particular, vieram também a se manifestar entre as cabeças pensantes das terras do Brasil.

No nosso entendimento, uma compreensão devida dos significados desses diagnósticos sobre a emergência de biografias modernas não pode prescindir de algumas rápidas considerações sobre aspectos da crise de valores liberais, nos quadros de impasses e contradições da modernidade, no entre-guerras, tanto no cenário brasileiro, quanto internacional. Nessas ambiências, interessa-nos destacar revisionismos, de naturezas variadas, sobre os preceitos de uma ética individualista, tão cara à defesa de uma concepção de sujeito individual autônomo, livre e soberano perante os condicionamentos de ordens sociais e políticas. Revisionismos que, em suas manifestações na arena política, alimentaram projetos defensores do reforço da autoridade do Estado frente às liberdades de indivíduos e/ou grupos de interesses constituídos – sindicatos, partidos e demais instâncias associativas<sup>8</sup>.

Em tempos de expansão e vigência de tantos projetos autoritários e/ou totalitários de governo, tempos de proliferação de discursos valorizadores de uma subordinação hierárquica dos direitos individuais a interesses apresentados como coletivos ou vinculados à promoção do bem-estar social, as ponderações de intelectuais brasileiros sobre a renovação da escrita biográfica, nas suas formas e funções, tinha lá seu quinhão de natureza ética, qual seja, o de uma espécie de trincheira de defesa da liberdade e da autonomia do sujeito individual, num momento em que tal enfoque foi frontalmente revisto e deslocado.

Nessa perspectiva, pensar sobre os usos e formas da narrativa biográfica, entendida como moderna, correspondeu à configuração de novas dimensões éticas e estéticas para um gênero há muito articulado à produção de fisionomias e retratos de personagens cujas

vidas se imbricavam com a produção de imagens da nação. Somente nesses termos, acreditamos, podemos compreender alguns dos sentidos que conformaram não só o debate, mas no essencial, a própria renovação da escrita biográfica, entre tantas tematizações sobre ambigüidades e possibilidades da modernidade, no Brasil do entre-guerras.

Os retratos em papel e letras de sujeitos individuais, concebidos, nas suas diversas inserções sociais e históricas, como formadores das identidades da nação – artística, literária, política, econômica -, deveriam ser também expressão das ambigüidades e possibilidades da própria sociedade brasileira. Em alguma medida, para muitos intelectuais contrários a predominância exclusiva de uma retórica autoritária, a relação indivíduo/sociedade deveria ser equacionada sob a premissa de resguardar e garantir espaços de atuação e criação de sujeitos individuais, vistos, então, como autores/atores imprescindíveis na criação e problematização dos valores identitários de comunidades nacionais.

Os intelectuais que desejaram compreender os impasses dessa modernidade e investir no que pudesse ser o novo na invenção de um Brasil moderno, o fizeram a partir de questionamentos que culminaram em tantos ensaios de interpretação do país, sob a forma de reinvenções e/ou redescobertas da história, da literatura, da música, do folclore, da própria cultura nacional<sup>9</sup>. Assim, a chave utilizada por Lúcia Miguel Pereira na apresentação de seu *Machado de Assis*, qual seja, a da biografia como uma interpretação, adquire pleno sentido e pertencimento às ambiências intelectuais de seu tempo.

O sujeito individual Machado de Assis, configurado pela narrativa biográfica de Lúcia Miguel Pereira, foi o protagonista de uma humanidade contraditória e partida, a expressão efetiva e sensibilizadora do próprio *calor da vida*. A biógrafa, em diálogo, com outros autores, fez suas escolhas, decidindo substituir metáforas de uma certa tradição de escrita biográfica. Assim, saía a estátua de bronze fixadora da celebridade e entrava em cena o homem de carne e osso, em desalinho, esquivo e familiar, pelo que nele houvesse de frágil e contingente<sup>10</sup>.

Apresentar Machado de Assis como o mestiço, pobre, nevropata e, concomitantemente, autor de obra literária fundadora do moderno, era entender a contingência de cada experiência humana como o campo em que as realizações existenciais poderiam, na qualidade de um realismo trágico, se manifestar. Sua nevropatia, entendida por Lúcia Miguel Pereira, não apenas como sinônimo da epilepsia, mas, essencialmente, como um conjunto de traços comportamentais derivados desse distúrbio mental, fizeram de Machado de Assis um tímido que soube posar de ousado, distante, altivo. Nas palavras de Lúcia Miguel Pereira: (...) *Machado penetrou na celebridade como num salão cheio de gente pronta a criticar-lhe o traje modesto*<sup>11</sup>.

Lúcia Miguel Pereira perseguiu a complexidade e as contradições da personalidade Machado de Assis enquadrando suas idades da vida em um encadeamento que buscava mesclar continuidades e descontinuidades, em especial, quanto à sua formação de letrado e escritor. Os títulos e enredos de determinados capítulos corroboram essa perspectiva de ordenação da própria narrativa biográfica – *O Moleque, O operário, Machadinho, Seu Machado, O criador, O artista, O Conselheiro Aires*.

Nos capítulos dedicados à infância e aos primeiros anos da juventude de Machado, Lúcia Miguel Pereira destacou a imagem do moleque pobre, a vender balas e percorrer as ruas de um Rio de Janeiro de meados do século XIX. O morro do Livramento, a Saúde, a praia de São Cristóvão figuraram como cenários de anos de formação que, na interpretação da biógrafa, teriam sido recriados pelo futuro escritor, em algumas de suas crônicas e romances.

A narradora, intérprete e biógrafa, por vezes, na construção de seus argumentos, carregava nas tintas de uma sobredeterminação entre a vida e a produção da obra, realizando, num típico exercício de intuição feminina, a partir de alguns vestígios não totalmente convincentes para um leitor à cata de provas cabais, uma leitura de causalidades unívocas entre vivências traumáticas do biografado e suas motivações no exercício da criação literária.

Valendo-se de alguns referenciais da psicologia clínica e da psiquiatria, Lúcia Miguel Pereira quis ver em personagens e tipos machadianos um pouco do que Machado de Assis projetou ser, mesmo sem uma consciência declarada de tais desejos. Se o Conselheiro Aires podia ser tomado como a imagem no espelho das figurações autobiográficas de seu criador, Lúcia Miguel Pereira arriscou perceber, em algumas personagens femininas, a fala de um Machado de Assis que confessava um tanto de suas dúvidas, inseguranças e fragilidades.

Para Lúcia Miguel Pereira, a perspicácia do autor de *Dom Casmurro* e de *Esaú e Jacó*, na construção das humanidades contraditórias de seus personagens, repousava numa relação de intrínseca complementaridade entre os sentimentos e vivências de seu biografado e o desenvolvimento de singular capacidade de escrever sobre a miséria humana. Nas palavras de Lúcia Miguel Pereira: (...) *a obra lhe foi precisamente o avesso da vida, não esquecendo de que o avesso não é o lado oposto, mas o lado de dentro, inseparável do de fora, condicionado por ele*<sup>12</sup>.

A capacidade criativa e autêntica de Machado de Assis de retratar, sob a forma de um realismo trágico, a humanidade contraditória de seus personagens, era a expressão do caráter universal de sua obra literária, somente construído pela percepção arguta e inteligente de um tímido que tanto aprendeu com a vivência intensa de relações humanas contíguas e locais. A biógrafa fazia de seu *Machado de Assis* um ícone do moderno, não só pelo feliz casamento entre o local (o nacional) e o universal, na sua produção literária, mas também, e principalmente, na forma de pintar um retrato em papel e letras no qual Machado de Assis era o homem/intelectual moderno, cindido por tantas adversidades, capaz de sobrepujá-las ao arriscar uma atitude poética na relação com o mundo.

Como afirmou a biógrafa, havia (e há) nos textos de Machado um *gosto de cinzas, as cinzas da inaniidade de tudo*, mas havia (e há) também o *sal das lágrimas e do sangue, o sangue do homem sofredor, as lágrimas do desespero que se sabe inútil*, e mais, o pressentimento da realidade trágica da vida e, *sob as aparências do ceticismo risonho, um travo amargo de desengano*<sup>13</sup>.

Em alguma medida, o *Machado de Assis* de Lúcia Miguel Pereira parecia ser uma das caras daquele Brasil moderno e arriscamos, mais do que isso, um registro de percepções, oscilantes entre o desencanto e o otimismo, de uma geração de intelectuais que tanto se interrogou sobre os impasses de seu tempo de vida.

---

<sup>1</sup> Este trabalho derivou-se de seminário, ministrado na graduação em História, na PUC-RJ, no 2º semestre de 2004, intitulado de *Retratos em papel e letras: biografia, história e imaginário nacional*. Se algumas das idéias aqui presentes são fruto de minha tese de doutorado (*Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. FFLCH/USP, agosto/2003), tantas outras, talvez as mais significativas, originaram-se das boas conversas e trocas intelectuais junto aos alunos que realizaram o referido seminário. A eles cabe, nesse sentido, um agradecimento especial pelo aprendizado compartilhado.

<sup>2</sup> Professora da UERJ e da PUC-RJ.

<sup>3</sup> Lúcia Miguel Pereira. *Machado de Assis. Estudo crítico e biográfico*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988, p. 25)

<sup>4</sup> Sobre o conceito de discurso fundador ver especialmente Eni Puccineli Orlandi (org). *Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas; São Paulo: Pontes, 1993.

<sup>5</sup> A emergência, em solo europeu, de inovações na escrita de biografias foi associada por entusiastas e comentaristas à obra do escritor inglês Lytton Strachey e, em especial, à publicação de sua biografia da Rainha Vitória, lançada no alvorecer da década de 1920. Entre os entusiastas e divulgadores da obra de Strachey, cabe destacar André Maurois, intelectual francês, também autor de textos biográficos, apresentados por ele mesmo sob a qualificação de biografias modernas ou romanceadas. No final da década de 1920, Maurois posava, com relativo sucesso, a despeito da polêmica então causada, de teórico e defensor de uma nova escrita biográfica, então concebida como o gênero que melhor realizava a junção entre a história e o romance. Sobre esse debate ver Márcia de Almeida Gonçalves. *Em terreno movediço. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 2003.

<sup>6</sup> Em 1931, ano de criação do *Boletim de Ariel*, Lúcia contava com trinta anos. Dividiu as páginas do mensário crítico e literário com Gastão Cruls, então diretor do periódico, Agripino Grieco, Augusto Meyer e outros colaboradores menos regulares. No fundamental, o boletim procurava ser uma espécie de radiografia do mundo das letras em franca expansão. Cabe destacar, o destaque concedido por vários articulistas às biografias, autobiografias, memórias e outros materiais relacionados às histórias de vida, como coletâneas de correspondência privada e a publicação de diários.

<sup>7</sup> Tristão de Athayde. "Biografias". In *Estudos*. 4ª série. Rio de Janeiro: Edição do Centro Dom Vital, 1931, pp. 165-177.

<sup>8</sup> Ver, entre outros, Bolivar Lamounier. "Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação." In Boris Fausto (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1985. V. 9, pp. 343-374.

<sup>9</sup> Na extensa bibliografia sobre movimentos modernistas, destacamos: Elias Thomé Saliba. "Reinvenção da história". In *Brasil-brasis: cousas notáveis e espantosas (Olhares modernistas)*. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2000, pp. 43-49. Ângela Castro Gomes. *Essa gente do Rio...Modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. Eduardo Jardim de Moraes. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

<sup>10</sup> Cf. Lúcia Miguel Pereira. *Op. cit.*, pp. 19-27.

<sup>11</sup> Idem, p. 26.

<sup>12</sup> Idem, pp. 23-24.

<sup>13</sup> Idem, p. 27.